

REDE-MOINHOS QUE ESTIMULAM A LEITURA DE *OS SEMELHANTES*  
DE RICARDO GUILHERME DICKE

Marta Helena Cocco<sup>1</sup>

DICKE, Ricardo Guilherme. **Os semelhantes**. Cuiabá: Carlini e Caniato, 2011.

A narrativa *Os semelhantes*, escrita por Ricardo Guilherme Dicke nos anos 70, veio à edição apenas em 2011, pela *Carlini e Caniato*, juntamente com outras obras do autor, algumas inéditas, numa belíssima coleção organizada por Cristina Campos que teve o privilégio de revisar muitos textos com o autor ainda vivo. *Os semelhantes* é uma das grandes criações do Dicke. Aliás, para os que desejam lê-lo ou já tentaram sem, contudo, ir até o fim, ou foram e não se agradaram, por conta do seu estilo (denso, com rupturas de ordem estrutural, com disposição de imagens em avalanche<sup>2</sup> e profundas inserções filosóficas, além de outras características), aconselho que iniciem por este livro.

A trama começa tensa, com a belíssima narração do evento em que o personagem Abadia assassina Salomão, dentro do rio Aguassu, por conta de um trato não cumprido: o de dividir “meia a meia” um xibiu (diamante) encontrado. De pronto chama a atenção certa fluidez na narrativa, algo não muito comum nas obras do autor:

“\_ O Abadia! gritou, a mão em concha.

Ele nem se mexeu. A mira em cima do vulto, no peito. Atrás dele, o céu aberto, vermelho de ferros rubros, se espriava em volta em sangue manando, o sol como uma ferida aberta. A lua azul, no céu, à sua direita.

\_ O preto nojento! A aparece se tu é homem... \_ gritou de novo, bem forte, dando mais uns passos, caminhando em sua direção. Abadia firmou o braço e apertou o gatilho.” (DICKE, 2011, p.7)

---

<sup>1</sup> \* Professora do Departamento de Letras da Unemat, campus de Tangará da Serra, doutora em Letras e Linguística – [martacocco@uol.com.br](mailto:martacocco@uol.com.br)

<sup>2</sup> Sobre esse aspecto, ver o prefácio do livro “O velho moço e outros contos” da mesma coleção.

O livro nos prende desde o início e vai nos envolvendo no enredo e nas muitas imagens extraordinárias que pululam no texto, como as que se referem à lua, por exemplo: “luazinha azul dependurada” (p.9); a lua, crescida em seu inchume, ficara amarela, cor dos olhos das suindaras acordadas” (p.10); “lua agourenta” (p.11); “círculo de ouro, imenso no céu”(p.11); “um ímã” (p.12); “redonda cara afogueada”(p.13); “avermelhada, como coberta de uma poeira vermelha, as espadas e os punhais dos galhos a atravessavam, coração transpassado”(p.25); “roxosa, em sangue misturada, entre panos de nuvens”(p.26); “lua com a cara de Salomão”(p.26); “lua com a cara do Turco” (p.27) “o céu vergado desse peso de tantos olhos acesos inclinados para a terra e a lua incrustada nele como uma joia imemorial”(p.32); “camafeu de ouro em fogo com a efígie de Rosendo.” (p.32)

Depois da morte do Salomão, o mesmo rio Aguassu hospeda, em outro ponto, lavadeiras contando causos de assombração, registrando em suas falas os lendários Negrinho D’água e Pé de Garrafa. A neta de uma delas ouve as histórias e pensa em Rosendo, cujo irmão gêmeo Romão desapareceu com cerca de um ano de idade num batelão à beira do rio, e cujo pai largou-se no mundo à procura do filho perdido, deixando de lado o que estava vivo. A história gravita em torno do diamante encontrado e disputado, pondo em discussão valores, especialmente os morais, dos personagens. E a história do gêmeo perdido também se imbrica aí, pois Rosendo, o filho que “restou”, a certa altura da trama, tem a oportunidade de optar entre o diamante e um grande amor, ou renunciar aos dois. A escolha vai revelar seu caráter e nos faz pensar em sua formação, a partir da sua relação com o pai.

A narrativa se estende, mas, fiel ao estilo dickeano, faz rebojos em parágrafos belíssimos sobre os arrepios de medo na escuridão e no silêncio da noite sentidos por Abadia só de pensar na caveira sorridente de Salomão que navega no Aguassu – a carne fora devorada pelas piranhas: “ouvia o barulho das piranhas. Como cupim roendo madeira ou fogo quando caminha nos roçados” (p. 9). Esse medo faz, por exemplo, o personagem saber a madrugada como a “hora do Diabo perder o poncho e procurar pasto” (p. 31). Às vezes, sem mudar de parágrafo, usando e abusando do discurso indireto livre, dum personagem Dicke passa para outro. Num determinado momento, o foco sai de Abadia e centra-se na neta da lavadeira, Ramonita, que não parava de pensar

em Rosendo e, de repente, na beira do rio (componente do espaço fartamente metaforizado no livro), ouve um choro de uma criança enrolada numa flanela. Tal fato remete imediatamente à história do gêmeo Romão. Nesse momento, não há como não considerar intrigante a construção do tempo na narrativa dickeana. Se abandonarmos a tradicional concepção linear, tal episódio cresce sobremaneira. A criança, instantes depois, morre nos braços de Ramonita que se recorda de Rosendo que estava longe.

Novamente as atenções do narrador se voltam para Abadia que segue à procura do seu amor, Umbelina, mãe da criança morta. O episódio, assim como outros momentos do texto, menciona a presença de ciganos e suas errâncias. Não devo continuar contando a história, que seria um mal tão grave como contar o filme quando se o recomenda. Mas posso e devo dizer que daí para diante a história cresce e, a curtos intervalos, vão acontecendo episódios estranhos e intensos, de modo que o leitor parece estar diante de vários pontos culminantes que lhe estimulam a pensar em como se dará o desfecho dos conflitos de cada personagem, pois, não apenas um, mas vários, recebem do escritor um tratamento especial. Isso, sem dúvida, é habilidade que merece destaque. Os pressentimentos, a sorte lida pelos ciganos, a descrição da paisagem pelos arredores do povoado da Guia, perto da capital Cuiabá e (in) imagináveis circunstâncias da atividade econômica do garimpo – criam um rede-moinho de possibilidades na mente do leitor.

O narrador também apronta algumas surpresas que requerem releituras e nos intrigam como a do episódio em que Rosendo tenta evitar que o pai, em visível estado de desequilíbrio por conta da perda do filho, cometa suicídio:

“O velho ergueu-se pensosamente, coberto de pó. [...] Rosendo, vendo-o hesitar, agarrou-lhe a mão e, apertando-a com todas as forças, tentava tomar-lhe o revólver. [...] apontava-o na direção do pai, sem saber sequer que o apontava [...] este o fitava sem dizer palavra. Súbito, avançou com as mãos abertas e agarrou-lhe a garganta sem fazer caso do revólver. [...] pouco a pouco lhe faltava a respiração. [...] Temendo que tudo se escurecesse de repente, ergueu a mão e bateu um ruído seco. Os dedos desengancharam-se de sua garganta, ele viu o velho tombar ao chão com os braços abertos. Do seu crânio, sobre os cabelos brancos, manava sangue. ( p.82)

Ao ler esse trecho, imagino que o leitor suspeite da morte do pai, suspeita acentuada pelo que se segue: “ao lado do cavalo, ferido, o velho imóvel no chão, de costas.” (p.83) A pontuação indica que o ferido é o velho e não o cavalo. E isso é reforçado pelo fato de, em seguida, Rosendo montar o animal e ir embora. Depois a narrativa segue falando de outras coisas, tornando ao núcleo do diamante encontrado-perdido-roubado, e o leitor, ao menos foi o que ocorreu comigo, dá por encerrada a luta incessante do velho pelo filho Romão. Porém, lá pela página 132, o livro já se encaminhando para o fim (são 181 páginas ao todo), eis que aparece o seu Antonio Gurgéis. “um velho de cabelos brancos hirsutos [...] entrou pela fenda do muro e veio acompanhando o rego d’água, até aproximar-se do telheiro derruído”.

Essas surpresas e todas as que povoam a mente do leitor, independentemente de se cumprirem ou não, formam, juntamente com as belas imagens (que fazem poética a prosa do autor), uma *rede* estimulante entre o que é narrado e o que é imaginado. Ao contrário do que se possa esperar, em se tratando de Ricardo Guilherme Dicke, as coisas não estão tão esparramadas conforme uma certa estética do caos. Há uma ordem, uma sequência movida pelos *moinhos* daquilo que podemos chamar de “um certo destino de garimpo”. Eu arrisco a dizer que se Dicke tivesse traído seu estilo habitual e escrito outro final pra esta história, teria feito de *Os semelhantes* não necessariamente sua obra prima, mas certamente um *best seller* no sentido de atingir um grande número de leitores. Mas fazendo o que fez, fez bem, porque agrada aqueles que requerem uma narrativa mais fluida, com algum suspense, e agrada aqueles que se interessam pelas questões mais profundas de ordem existencial e filosófica que Dicke propõe, sempre fazendo emergir aspectos da constituição econômica do Mato Grosso que não são contados do ponto de vista de quem detém o poder, inclusive o poder advindo da atividade extrativista. Essa atividade, salvo alguma exceção, tem a prerrogativa de que pouquíssimos lucram muito e à natureza e aos trabalhadores fica a degradação. Dicke fala também disso em *Os semelhantes*, sem resvalar no lugar-comum e sem ser panfletário.

Acrescento, nesta resenha, o mito de Sísifo que subjaz ao enredo, atualizado nos vários personagens que buscam o tempo todo algo que perderam: seja a pedra valiosa, seja o filho desaparecido, seja o amor mal resolvido... A busca, acometida de tantos

pesos (violência, riqueza...) e que resulta em nada, convida a uma profunda reflexão sobre os nossos modos de existir.

Por tudo isso, vale a pena ler. Temos, em Mato Grosso, uma literatura gigante que precisa ser repartida. A arte nos proporciona uma grande oportunidade de conhecimento das contingências da nossa sociedade e de nós mesmos, pela perspectiva, também, do outro.